



Revista África e Africanidades - Ano IX – n. 23, abr.2017 – ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

Édipo Negro

Marcus Nascimento Coelho
Doutor em Psicanálise pela FATE/SP
Centro Educacional Gamaliel Cursos
Faculdade Fagama/Niquelandia-GO
marnascoelho@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma releitura do complexo de Édipo através da mitologia lorubá especificamente o mito de nascimento de Logum Edé, fazendo uma comparação entre as duas narrativas: miticas grega e iorubá. Demonstra que Logum Edé resolve o complexo de Édipo de uma maneira mais harmonica e saudável do que o Édipo Grego. Lança mão de uma revisão bibliográfica tanto para o enredo grego (Sófocles, Freud, Junito Brandão, Kitto, Vernant-Naquet) quanto para o enredo iorubá (Verge, Jung, Freud, Prandi) usando do recurso de caixa de textos para a elucidação de pormenores esclarecedores das duas narrativas miticas e mostra a riqueza e a profundidade semiótica da mitologia loruba.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia Iorubá/Grega; Complexo de Édipo; Heroi.

1. Introdução

É pretensão deste estudo ressaltar a riqueza e a complexidade da cultura Iorubá, principalmente no que concerne à sua mitologia através do estudo comparativo de duas narrativas, uma grega e outra africana sobre o mesmo tema: as primeiras relações entre a criança e a mãe, para isto usaremos o mito de Édipo e o de Logum Edé.

Queremos demonstrar que a narrativa africana “resolve” de maneira mais eficiente o que Freud chamou de Complexo de Édipo.

Para tanto dividiremos o texto em três partes que apesar de se apresentarem distintas compõem um todo. A primeira parte procura delinear o que vem a ser o que comumente chamamos “Complexo de Édipo”, a segunda iremos tratar do “enredo” simbólico do clã Labdácida, onde a figura de Édipo como rei e protetor de Tebas tem seu ápice e por fim, iremos analisar um dos itans do mito de Logum Edé e sabermos mais um pouco deste Orixá do panteão Iorubá. Nesta análise utilizaremos seus vários desdobramentos simbólicos demonstrando a relação que existe entre o desenvolvimento de sua psique mitológica e as etapas de desenvolvimento psicosexual proposto por Freud (fase oral, anal, fálica, latência e genital).

O ÉDIPO NO TEATRO

A tragédia dos Labdácidas é uma das preferidas dos trágicos gregos, das peças que temos conhecimento e que narram a desventura desta família temos: de Sófocles: Édipo Rei, Édipo em Colonus, Antígona de Ésquilo “Sete contra Tebas”. Se levarmos em conta que cada uma delas era parte de uma trilogia, temos 12 peças tratando do mesmo tema.

Somente uma outra “família” recebeu tanta atenção: a família dos Atridas.

Afim de propiciar maior entendimento do texto usaremos o recurso caixas de texto onde informações pertinentes àquele tema serão oferecidas sem prejudicar a leitura do corpo do texto original.

2. O Complexo de Édipo

Conhecemos como “complexo de Édipo” o impulso de amor, desejo e veneração que toda a criança tem pela figura do seu genitor do sexo contrário ao seu. Logo após a fase anal (no sentido de autonomia e desenvolvimento do ego) a criança deseja ocupar o espaço emocional do genitor do mesmo sexo, em outras palavras, a menina quer tomar o lugar da mãe e o menino o lugar do pai, porém este desejo vem acompanhado de culpa, já que ao mesmo tempo que deseja a supressão da figura parental a ama com a mesma intensidade, este conflito de emoções a conduz ao período de latência¹.

Aqueles que não conseguem ultrapassar este limiar emocional mantêm-se presos ao seu arquétipo parental, tornando-se impossibilitados de amar e de se realizarem como pessoas – prisioneiros/as de uma trama emocional além de seu tempo de desenvolvimento. Irão carregar um “complexo” de Édipo, em sua maior dimensão: a

¹ Toda a teoria psicosexual e suas consequências está bem explanada nas obras de Freud citadas na bibliografia bem com em seus colaboradores, para maior fluência do texto e desenvolvimento dos conceitos dispensamos as citações de algo já bastante claro no meio acadêmico.

incapacidade de amar o outro (qualquer que seja ele/a) já que esta preso aos padrões emocionais de que não conseguiu se libertar. É preciso matar pai e mãe para poder amá-los. A frase nos causa horror porém exemplifica precisamente o momento: é preciso ultrapassar as figuras e as projeções amorosas de pai e mãe para que se possa estabelecer relações sadias com o outro sujeito do meu amor. O porquê nos apaixonamos pela figura materna será clarificado quando na análise do mito de Logum Edé.

Ao chamar esta pulsão do libido de “Complexo de Édipo” Freud está tentando realizar uma alegoria utilizando uma personagem de uma tragédia grega com o intuito de alcançar um maior entendimento de algo que sempre aconteceu. Freud não inventou o complexo de Édipo, apenas o descobriu. Porém, como toda alegoria é aproximativa, Édipo não tinha complexo de Édipo! Isto é o que veremos a seguir.

2.1 Édipo – Mandálico²

São inúmeros os epítetos de Édipo, vamos colocar-lhe mais um: Édipo mandálico.

As mandalas são formas circulares presentes em todas as culturas e tem por norma significar o trajeto da vida. De que forma e quais são os perigos que aquela pessoa tem no decurso de sua existência e o que deve ser feito para que uma ascense espiritual possa acontecer é o tema de um sem numero de doutrinas e sagas heroicas.

TO BE OR NOT

TO BE ÉDIPPO

Como hipótese, poderíamos supor um outro diálogo entre Édipo e seus pais adotivos:

Pôlibo: Sim querido filho, você realmente não é nosso filho natural. Privados pelos Deuses de termos uma descendência natural, fizemos de ti o nosso filho bem amado. Quando o tempo vier serás o Rei de Corinto, porque se não és nosso filho de sangue, és nosso filho de coração.

Édipo: Pais amados, sombras escuras pairavam sobre meu coração! Suas palavras me acalmam a alma e erguerei libações aos deuses tutelares pela benção de tê-los como pais.

Mesmo imaginando um desenlace feliz, não daria certo! Não porque Édipo não ame seus pais. Exatamente por amá-los muito é que será compelido a se exilar para evitar a maldição. Um outro argumento suficientemente forte para que a história siga seu curso reside no fato de que um abandono nunca é impune. Édipo, mais dia menos dia, teria que partir para tentar descobrir o porque do abandono, da repulsa, com uma dúvida não parava de persegui-lo. Portanto, para se descobrir, Édipo tem que se perder. Como nós.

² As informações sobre a família dos Labdácidas e especificamente Édipo encontram-se nas obras de Junito Brandão Mitologia vol. I, II, III. Bem como um “encadeamento” das narrativas das várias peças sobre o tema dos Labdácidas.

UMA TERRA ENCHARCADA DE SANGUE

Os mitólogos são unânimes em estabelecer que a fonte das desgraças de Édipo e seus filhos é a maldição lançada quando Pélope amaldiçoa Laio como responsável pela morte de seu filho Crisipo.

No entanto pode-se ir um pouco mais longe na medida que todos os reis de Tebas tiveram finais trágicos. A terra por eles governada era fruto de sangue derramado sem heroísmo. Cadmo usa da cizânia para combater a turba de homens que nascem dos dentes do Dragão. Talvez o culpado disto tudo tenha sido Marte, o deus da guerra, como vingança pela morte do seu “animalzinho de estimação”.

Esta forma de entender o mito de Édipo nos é sugerida em primeiro lugar pelo significado dos seus principais personagens Édipo (pés inchados); seu pai Laio (canhoto); seu avô: Lábdacos (coxo). Ou seja todos são “gauche” na vida, trazem em seu próprio nome a dificuldade de se harmonizar com o impulso natural da vida. Édipo será, dentro deste contexto, o herói que expurga um mal que vem sendo transmitido de geração a geração. Édipo quanto mais tenta fugir do seu destino mais o cumpre. O fundador desta trágica família foi Cadmo, o fundador de Tebas. Segundo a lenda, Cadmo partindo em busca de sua irmã Europa, raptada por Zeus, consulta o oráculo de Delfos; este aconselhou-o a abandonar a perseguição a Europa e fundar uma cidade em local que lhe seria indicado por uma vaca. Obedecendo às ordens do oráculo,

Cadmo vai ter à Beócia. Em agradecimento, ofereceu a vaca a Minerva. A fim de conseguir água para o sacrifício, matou o dragão que guardava a fonte de Marte. Por sugestão da Deusa, semeou os dentes do monstro, os quais deram origem a inúmeros homens armados e ameaçadores. Receoso, Cadmo lançou-lhes pedras, e eles, acuando-se reciprocamente, massacraram-se. Sobreviveram apenas cinco, que ajudaram Cadmo a fundar a cidade.

Lábdacos ou Láddaco como querem alguns, filho de Polidoro e Nictéis e pai de Laio, segundo uma tradição foi morto pelas Bacantes, por ter combatido o culto de Baco (ver box Apolo e Dionísio).

Laio, ao perder o pai ainda era criança, portanto a regência de Tebas foi entregue a Lico. Quando Anfião e Zeto mataram Lico e tomaram do poder da cidade, Laio conseguiu fugir para a corte de Pélope, rei da Frígia. Lá apaixonou-se por Crisipo, filho de Pélope, e raptou-o. O jovem suicidou-se e Pélope amaldiçoou Laio e todos os Labdácidas. Segundo esta maldição Laio iria morrer sem deixar descendentes (Este detalhe entrelaça as famílias dos Labdácidas e dos Atridas – as preferidas dos tragediógrafos gregos -, pois Pélope era pai de Atreu e portanto, avô de Agamenon)

Posteriormente, Laio casou-se com Jocasta, irmã de Creonte e tornou-se Rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seus amores anti-naturais com Crisipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta esse filho o mataria, Laio tornou-se pai de um menino. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém-nascido a um dos pastores de seus rebanhos, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. A ordem foi abandoná-lo no monte Citeron para morrer naquela região inóspita, na esperança de fugir assim à decisão divina.

O pastor, entretanto, movido pela piedade, salvou a vida do filho de Laio e de Jocasta e o entregou a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pólipo, rei de Corinto, às pastagens situados no vale de Citeron. Esse pastor levou o menino, chamado Édipo em alusão a seus pés feridos e inchados (Oidípous = Pés Inchados), a seu senhor, o rei Pólipo que não tinha filhos e vivia lamentando-se por isso. Pólipo e sua mulher Mérope criaram Édipo como se fosse filho deles.

Quando Édipo chegou à maioridade foi insultado por um habitante de Corinto, embriagado, que o chamou de filho postiço. Diante dessa revelação Édipo pergunta aos seus pais a veracidade da afirmação, eles ficam indignados com as palavras do homem, Édipo procurando uma confirmação absoluta vai a Delfos e pergunta a pitonisa quem são seus pais ela lhe responde que ele matará o pai e irá desposar a mãe. Édipo, supondo que Pólipo fosse seu pai e Mérope sua própria mãe, resolveu não voltar jamais a Corinto. Esta narrativa é contada por Edipo à Jocasta, quando fala de sua infância.

HOSPITALIDADE E DEMOCRACIA

Até hoje a Grécia tem como característica do seu povo a hospitalidade. O hóspede é sagrado e recebe uma série de regalias, como também deve estar bem consciente de suas obrigações. Na mitologia, encontramos um sem número de episódios que constata a importância que a sociedade grega dava a hospitalidade e a quebra de suas leis: A guerra de Tróia sempre foi maldita porque Páris quebra esta lei ao raptar Helena de Menelau em sua própria casa. Penélope suporta seus pretendentes durante anos até a volta de Ulisses, que os trucida porque, antes de tudo, eles não souberam respeitar as leis da casa.

A democracia, invenção grega, pode também ser entendida como a força do diálogo, da razão ante a barbárie da força bruta, tão abominada pelos gregos.

APOLO x DIONÍSIO

Apolo, deus da Luz. Uma das doze divindades do Olimpo. Filho de Zeus e Latona, irmão de Diana, deusa da lua tem para a cultura grega o sentido de ordem e beleza harmônica. Também tem o sentido reparador, como o sol que não deixa nada no escuro. Apolo não deixa esquecer antigos crimes e ao mesmo tempo busca uma nova ordem mais racional e equilibrada. Sua antítese natural é Dionísio, filho do mesmo pai, Dionísio tem como mãe Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia e irmã de Polido, pai de Lábdaco, portanto Baco é primo de Lábdaco. O culto a Dionísio teve muita dificuldade em ser aceito pelos gregos temerosos talvez do poder da embriaguez e possessão divina que são a característica deste deus. Nietzsche quando analisa a cultura grega antepõe estas duas formas estéticas, Apolínea e Dionisíaca, como formas distintas de ver a arte.

Em sua fuga ele passava por uma encruzilhada de três caminhos quando avistou um carro em que vinha um homem idoso seguido por criados. O homem gritou-lhe insolentemente que deixasse o caminho livre para seus animais passarem e um dos criados da comitiva tentou atacar. Édipo, filho de reis, sentiu-se insultado, reage e mata o homem que vinha no carro, sem saber que se tratava de Laio, seu pai, e os criados que o acompanhavam, com à exceção de um, que fugiu. Em seguida Édipo toma o caminho que vai para Tebas.

Naquela época os habitantes de Tebas estavam alarmados com a Esfinge, um animal com patas de boi, corpo de leão, asas de águia e rosto de mulher, que vinha devorando os tebanos lançando-lhe o repto: “Decifra-me ou devoro-te”. Incapazes de decifrar os

enigmas propostos pelo monstro, toda a cidade está em perigo.

Frente a frente com Édipo a Esfinge lhe pergunta: “Qual o animal que pela manhã caminha com quatro patas, ao meio dia com duas e a tarde com três”? Édipo responde: “O homem”.

JUNO

A DEUSA DA FAMÍLIA

Nome latino de Hera. Uma das doze divindades do Olimpo. Casou-se com o senhor dos deuses, compartilhando de seus atributos. Extremamente zelosa de seus poderes Juno perseguiu implacavelmente as amantes e bastardos gerados pelas aventuras do seu marido. Desta forma tornou-se a protetora do lar e da união estável de forma mais geral do conceito de família monogâmica tão cara aos Gregos.

Discutiu com o marido, afirmando ser o homem quem obtinha maior prazer no amor, enquanto Júpiter afirmava que a favorecida era a mulher. A contenta foi arbitrada por Tirésias, que em uma ocasião passou anos como mulher e outros tantos como homem. Tirésias decidiu a favor de Júpiter e, por vingança Juno o cegou, para compensá-lo Júpiter concedeu-lhe o dom da profecia.

Decifrado o enigma a Esfinge se atira de um precipício e Tebas, salva do monstro, fez de Édipo o rei da cidade e lhe deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo.

Estavam assim realizadas as duas predições do oráculo, embora Édipo e Jocasta permanecessem na ignorância da imensidade do seu infortúnio. Por muitos anos Édipo governou Tebas como um grande e valente rei; de seu casamento com Jocasta nasceram duas filhas –Antígona e Ismene – e dois filhos – Polinices e Etéocles – que cresciam em meio à paz e à prosperidade aparentemente presentes no palácio real. Os deuses, todavia, estavam atentos ao desenrolar dos acontecimentos. Em seu devido tempo

Apolo fez cair sobre Tebas uma peste que lhe dizimava os habitantes. Compelido pela calamidade, Édipo enviou seu cunhado Creonte a Delfos a fim de consultar o oráculo sobre as causas da peste e os meios de contê-la.

Em posse da resposta do Oráculo que a peste irá cessar de castigar os homens quando o assassino de Laio for castigado, Édipo irá procurar por todos os meios desvendar o mistério e, em uma sucessão de descobertas fortuitas, descobre toda a verdade. Enlouquecido de dor e desespero depois de ver o suicídio de sua esposa e mãe, Édipo arranca os olhos e guiado por sua filha/irmã Antígona vaga por toda a Grécia até chegar em um lugar perto de Atenas onde pressente que vai morrer.

Morto Édipo, Antígona volta para Tebas onde seus irmãos Polinices e Etéocles se matam pelo domínio da cidade, Creonte ordena que Etéocles defensor de Tebas tenha honras fúnebres e Polinices seja lançado as feras. Não cumprir os rituais fúnebres para os gregos é condenar a alma a uma eternidade de penas a não ter o descanso final, Antígona movida pelo amor filial desafia as leis da cidade e cumpre os ritos fúnebres. Descoberta, desafia Creonte e é punida com a morte por empedramento (deixada em uma caverna com uma ração de comida e água a caverna tem sua abertura lacrada e o condenado é morto por inanição). Um filho de Creonte, noivo e apaixonado por Antígona, sem o conhecimento do pai, penetra na caverna para morrer com sua amada. Quando Creonte sabe disso abre novamente a cova, porém os dois amantes para fugir da morte pela fome matam-se por enforcamento. A mulher de Creonte por sua vez enlouquece já que ele era

responsável pela morte de dois dos seus filhos e posteriormente, Ismene desaparece da história dando por fim, aparentemente, a sucessão de sangue e mortes.

Face a tal sucessão de tragédias, enganos e mortes, fica a pergunta: Édipo desejou sua mãe, ou ao receber Jocasta como prêmio pela morte da Esfinge, desposou-a?

Conhecendo toda a história fica claro que a mulher que Édipo amou como mãe foi Mérope e tinha Pôlibo como pai e foi por isto, tentando escapar da predição, colocou em curso todo o processo. Desta forma a figura de Jocasta deve ser entendida como “a chave” da cidade, Édipo teria que desposá-la para ganhar o prêmio de reinar sobre Tebas. A descoberta de Jocasta ser mãe de Édipo só faz aumentar o preço que ele teve que pagar pela maldição lançada por Pélope. Mas por que pagar um preço tão alto por um mero caso de homossexualismo?

O amor homossexual ou Socrático era plenamente admitido na Grécia Clássica estando relacionado com a imagem que a mulher possuía nesta sociedade: Mera reprodutora e administradora da casa. A mulher literalmente não era uma pessoa e como tal não podia ser objeto de amor, seria tão incongruente como amar um cavalo, um móvel, ou um quadro. Tão pouco era elegante o amor entre dois homens barbados, o que o grego admitia e aceitava era a iniciação amorosa e mental, às vezes, entre o efebo e o homem formado. Este par de amantes que tinha diante de si um tempo muito curto, deveria usufruí-lo desbravando as formas mais requintadas e sutis do amor.

Quando Laio rapta Crisipo vai de encontro às mais profundas e fortes instituições gregas: a hospitalidade e a moderação, o controle de seus impulsos. O tecido social foi rasgado e só com um grande sacrifício (trabalho sagrado) poderia ser refeito.

Não é a toa que as primeiras falas de Édipo em Édipo rei são um comprometimento de restaurar a ordem social.

Édipo ante os anciãos que clamam no altar. Prólogo.

“Tu, ancião, és naturalmente indicado para falar por todos. Vamos; que vos traz aqui? Um temor? Um pedido? Dize; eu de bom grado vos daria toda a ajuda; para não me comover com essa postura suplicante, teria de ser insensível” (SOUZA, 2005, p. 08)

Segunda fala. Prólogo.

UM POUCO DE LÓGICA MÍTICA

É bom sempre lembrar que o que chamamos lógica é tão somente os processos de pensamento silógicos estabelecidos pelos gregos. Existem outras lógicas:

Um antropólogo estava pesquisando uma tribo de aborígenes que viviam em uma sociedade com fortes conotações mágicas. Um dia o guia tentava explicar o modo de pensar do seu povo: Se, por exemplo, se me machuco ao bater com o pé numa pedra neste caminho que passo todos os dias, estou enfeitado. O antropólogo perguntou surpreso se ele achava possível alguém botar magicamente uma pedra no caminho. Rindo da tolice, o homem respondeu que ele não era tolo. O feitiço seria lançado para que ele ficasse distraído e acabasse por se machucar em um caminho já tantas vezes percorrido.

Assim é a narração mitológica, principalmente uma da grandeza de Édipo TODAS as coisas estão colocadas e delineadas por um certo motivo. Nada é deixado ao acaso e cada caso tem uma mensagem especial esperando que alguém a desvende.

“Pobres filhos, não estou alheio ao desejo que vos trouxe aqui; conheço-o bem. Não ignoro que todos sofreis. Em vossa dor, porém, nenhum de vós sofre tanto como eu. Cada um sofre o quinhão de um só e mais nada, enquanto meu coração geme por todo o povo, por ti e por mim juntamente” (SOUZA, 2005, p. 09)

Édipo e sua descendência vão pagar com uma série de erros que cometidos por eles ou não, são os maiores crimes que um grego podia cometer: atentar contra a cidade grega, a sua comuna.

No fundo o que nos quer transmitir a tragédia não de Édipo mas dos Labdácidas?

A resposta está na pergunta da Esfinge: Qual é o animal que pela manhã tem quatro patas, ao meio dia tem duas e a noite tem três? Por que a Esfinge não perguntou outra coisa? o que no ar é prata e no chão é ouro? por exemplo.

JUNO

A DEUSA DA FAMÍLIA

Nome latino de Hera. Uma das doze divindades do Olimpo. Casou-se com o senhor dos deuses, compartilhando de seus atributos. Extremamente zelosa de seus poderes Juno perseguiu implacavelmente as amantes e bastardos gerados pelas aventuras do seu marido. Desta forma tornou-se a protetora do lar e da união estável de forma mais geral do conceito de família monogâmica tão cara aos Gregos.

Discutiu com o marido, afirmando ser o homem quem obtinha maior prazer no amor, enquanto Júpiter afirmava que a favorecida era a mulher. A contenta foi arbitrada por Tirésias, que em uma ocasião passou anos como mulher e outros tantos como homem. Tirésias decidiu a favor de Júpiter e, por vingança Juno o cegou, para compensá-lo Júpiter concedeu-lhe o dom da profecia.

Quem era realmente a Esfinge? por que esta a pergunta? quem era realmente Édipo? e qual o verdadeiro significado da resposta? Uma mandala.

A Esfinge grega é um monstro feminino, filha de Equidna e Ortro. Tinha o rosto e o busto de mulher, o corpo de leão, a cauda de dragão e as asas semelhantes às das Harpias. Juno enviou-a a Tebas para punir a cidade do crime cometido por Laio.

Temos aqui dois dados importantíssimos a serem observados: O primeiro deles é saber quem realmente é a Esfinge?

Este mostro está presente no imaginário mitológico de todo o Fértil Crescente é um ser que segundo os mitólogos tem as patas de leão, o abdome e rabo do boi, as asas da águia e o rosto de uma mulher, esta descrição em geral pouco difere da específica da mitologia grega. Ela é a representação dos desejos do homem, suas pulsões mais radicais, os instintos mais primitivos no seu ventre, quando a existência tem sentido na

fruição dos prazeres físicos.

Temos na nossa cultura um sem número de glutões bovinos, para ficarmos em apenas um: o grande Rei Momo que como um boi tem que devorar todos os pecados e todas as comidas e ao lado de uma beldade que lhe serve de companhia, deve ser imolado para expiar todo o pecado e volúpia cometida quando a CARNE VALE, a libertação de quarenta dias de abstinência e dores realizados como sacrifício pela expiação do cordeiro que tira os pecados do mundo.

Temos também o corpo ou tórax de leão que ruga e berra toda sua fúria estufa o peito e vai em frente. Nossos valentes sempre foram leões e como leões trabalhadores morreram de esforço arrebatando o peito acometidos de uma emoção mais forte. As asas da águia ou das Harpias nos falam do espírito e mais especificamente as asas da Harpia do espírito conspurcado. Este monstro misterioso que habita a todos nós, só pode ter mesmo a face da mulher, e ela quem carrega os mistérios da vida e da morte. A mulher carrega em seu ventre toda a humanidade, com seus apelos, anseios e mistérios, portanto nada mais “lógico” que o ser que encarna toda esta dúvida tenha o rosto de mulher.

O segundo dado a ser inserido no nosso quadro é a figura de Juno enviando a Esfinge para punir Tebas do crime de Laio. Chama a atenção o concatenamento mitológico: A

Esfinge é mandada por Juno, protetora da família que foi conspurcada por Laio. Quem libera Tebas da Esfinge é Édipo aquele que ao tentar salvar a família traz em seu seio a desgraça de desunião que só será desvelada quando Apolo, protetor da sociedade como um todo envia a peste em um claro sinal que alguma coisa não vai bem no reino de Tebas. A Esfinge ao mesmo tempo que castiga Tebas, dá oportunidade para que a maldição dos Labdácidas se cumpra.

2.2 Fecha-se a Mandala

Por conspurcar o conceito de hospitalidade e família a geração de Laio tem que pagar com a mesma moeda. A Deusa protetora da família e o Deus tutelar da cultura elaboram o plano. A primeira geração, depois de Laio, irá pagar pelo crime da família (Édipo matando o pai e casando com a mãe), a segunda: Ismene, Antígona, seus irmãos Polinices e Etéocles se matam pelo domínio da cidade (sociedade), Creonte tendo que matar Antígona porque ela prefere as leis da família à leis sociais. Este era o karma de Antígona.

Portanto ao fazer sua pergunta e só pode ser esta a pergunta, a Esfinge pergunta pelo homem que inserido na roda do tempo cumpre o seu destino do nascimento até a morte, no giro desta roda, e para quem ela faz esta pergunta? Para aquele que entre todos os homens tem coragem. Porque Édipo é um homem corajoso, um herói, não se esqueçam disso, ousa tentar fugir a esta mesma roda. E por ironia ou maldição Édipo sabe a resposta, no seu íntimo sabe do seu fim, porém com a coragem dos predestinados segue em frente para tornar-se um símbolo, ombreando-se com todos aqueles que ousaram como Sócrates, Platão, Cristo, pagar no individual o preço do social.

PARA ENTENDER MELHOR

Sincretismo: A associação forçada ou não de duas personalidades míticas, em todas as mitologias acontece este fenômeno, no caso da mitologia afro-brasileira temos dois sincretismos: um que podemos chamar de “entre pares”, culturas negras que foram assimiladas e o “branco-negro” uma associação forçada entre a mitologia negra e a mitologia católica do século XVI.

Orixá – Tem o mesmo sentido de deus na mitologia grega. Apesar de terem uma certa hierarquia, ela é muito mais formal do que prática. Cada Orixá possui os seus domínios e só presta contas a si mesmo.

Keto ou Alaketo: Uma das várias nações deportadas para o Brasil, seu principal Orixá Oxóssi em um certo momento não tinha mais seguidores na África, todos os seus sacerdotes estavam no Brasil ou nas Antilhas.

Diante da Esfinge (as pulsões primitivas), Édipo (o homem que se cumpre) vê o seu reflexo e por um momento apenas esquece de seus pés inchados e calçando as sandálias da premonição, filosofa.

3. O Mito de Logum Edé

Infelizmente, não temos tanto conhecimento sobre a mitologia Afro-brasileira como temos da grega, tornando assim necessário um pequeno preâmbulo inserindo Logum Edé no panteão Yorubá.

Filho de Inlê (Oxóssi) e de Yeyê Ipondá (Oxum). Simbolizado pelos seixos do rio, faz parte do ciclo de lendas que envolvem Oxum. Sincretizado por S. Exedito, suas contas são verde e amarelo. Quinta feira é seu dia.

Saúda-se: Loci, loci Logum! Loci Logum. (Grita, grita seu brado de guerra, príncipe guerreiro).

Seus domínios são as matas e as cachoeiras. Seu elemento: ar e água. Veste azul turquesa, usa opá de couro e o mesmo amparo de três pernas. Pouco estudado no Brasil, a ele Vergé, Nina Rodrigues e Bastide não fazem referências.

O Babalorixá Ominarê do Candomblé de Keto nos oferece uma deliciosa discrição de Logum – Ede.

PARA ENTENDER MELHOR

Mitologia Afro-Brasileira: Considera-se mitologia afro-brasileira a soma de mitos, ritos e crenças que nos foram legados pelas culturas negras que aqui vieram ter. Não se pode esquecer também que estas culturas além de sofrerem um processo de miscigenação entre si sofreram a influência do sincretismo branco.

Iorubá: Uma das principais culturas transportadas para o Brasil, por uma série de eventos seu panteão mitológico se transformou na referência para outros tantos mitos.

Oxóssi (Inlê): Cada Orixá como na mitologia Grega tem vários epítetos, que segundo o acontecimento e suas características podem mudar. Pode ocorrer também que um mesmo arquétipo tenha um outro nome, nações diferentes.

YeYê Ipondá (Oxum): O mesmo que acontece com Oxóssi e outros tantos Orixás.

“Não é propriamente um Orixá de Alaketo. É feito nessas águas devido à Oxum e Oxóssi, de quem é filho. Mas nasceu no Efan ou Axexá. Logum-Edé é príncipe em todas as nações (tribos) do candomblé, inclusive Jêje, onde vem com o nome de Mavi. Ele é dono do ouro da Oxum, da fartura de Oxóssi, e tem os cuidados de Yemanjá”. (SILVA, 1987, p. 32)

Esta descrição é preciosa porque é perfeitamente coerente com os traços da sua “personalidade mítica” que queremos observar³.

3.1 O Nascimento de Logum-Edé⁴

Oxum era uma rainha poderosa e muito bela, muito rica. Seus súditos a adoravam e esperavam que encontrasse um esposo entre eles, pois era uma tradição rigorosa; todo o

³ Esta “descrição” é a síntese das que foram por diversos autores relacionados na bibliografia consultada.

⁴ Esta narrativa é a síntese de vários itans sobre Logum Edé disponíveis nos autores especializados (vide bibliografia consultada)

matrimonio deveria acontecer com o sangue da mesma tribo, para que não houvesse profanação. Uma mistura com outro sangue causaria uma catástrofe.

Porém, acontecia que Oxum, até aquele dia, não havia amado ninguém. Certo dia dando um passeio nas matas conheceu Oxóssi. Quando os dois se olhar olharam, não deu mais para se enganarem; estavam apaixonados.

Voltando ao seu reino, todos se aperceberam que a rainha andava muito distraída, sonhando acordada, e não resistindo mais a esta paixão oculta, Oxum reuniu os seus ministros e se declarou, abrindo-se. Estava perdidamente apaixonada por Oxóssi e o queria como esposo. O impacto foi geral! Todos foram contra, isto não podia acontecer, seria uma desgraça, logo a sua rainha, misturar seu sangue com um estrangeiro.

Vendo Oxum que o desagrado foi geral, que todos repeliam este matrimônio ela calou-se, não tocou mais no assunto. Porém entregou-se a uma tristeza dolorosa e definhava aos poucos. Vendo isto, os ministros, seus súditos e todo o povo entraram em pânico, sua rainha ia morrer de amor.

A situação chegou a tal ponto que resolveram ceder para não verem a sua doce e bela rainha morrer. Foi assim que Oxum casou-se com Oxóssi e foi assim que aconteceu o que todos esperavam. Deste matrimônio, nasceu um filho cujo nome era Logum Edé ou Logunêdé, e quando este filho chegou a maturidade, apaixonou-se pela própria mãe, Oxum. Aconteceu que numa certa ocasião ele a perseguia desesperadamente para possuí-la

e Oxum teve que correr sofregamente, alarmada gritando por Oxóssi que veio em seu socorro armado com uma lança e pôs o filho em fuga para muito longe da cidade e não mais voltou. Só depois de um longo tempo foi que Logum fundou um reino e deixou de querer a mãe. O nome desta Oxum é Yeyê Ipondá!

Antes que tudo isto acontecesse Logum Edé tinha ido a uma festa. Ele é belíssimo e como nesta festa só era permitida a presença feminina Logum Edé não teve dúvidas, roubou as roupas da mãe, entrou na festa e foi considerado a mulher mais linda ali presente.

Antes de mais nada: Logum Edé é um Orixá que existe em uma cultura já estruturada, isto é importante para a compreensão futura de suas ações. Busquemos nossas provas na estrutura própria do mito.

Trata-se de um dos poucos orixás que não nascem de Yemanjá (só temos conhecimento de Logum-Edé, uma variante do nascimento de Xangô e evidentemente os deuses primais (Olorum, Oxalá, Odudua).

OS ARQUETÍPOS

Como na mitologia Grega, nórdica, indiana, e muitas outras os deuses lorubás tanto refletem arquétipos sociais como emocionais.

Como apêndice deste texto estaremos relacionando os principais orixás e seus respectivos arquétipos.

Como será observado este leque cobre praticamente todas as nuances do agir humano, revelando a riqueza e capacidade de adaptação que são a marca de uma cultura rica e vigorosa.

Um estudo mais aprofundado iria permitir relacionar a pobreza arquetipal de uma mitologia com seu maniqueísmo moral e sua neurose social. Mais informações sobre este tipo de abordagem veja: O que é o candomblé.

Dentro de uma genealogia divina, Logum pertence a uma quarta geração. Em primeiro lugar, o princípio gerador Olorum, em segundo as grandes mães e o princípio ativo: Yemanjá, Exu, Nanã, e em seguida os filhos de Yemanjá: Oxóssi, Ogum, Xangô, Omulu (de Nanã), Oxum, que simbolizam as condições básicas da vida no mundo – protetores e protetoras destas formas básicas: os partos, a caça, a metalurgia, etc. O mito de Logum Edé já acontece em uma sociedade perfeitamente constituída, ritualizada.

Mas quem são de fato a **mãe** e o **pai** de Logum Edé? Vamos nos permitir uma pequena digressão com o intuito de termos claro o caráter paradoxal e complementar destes dois arquétipos.

3.2 Oxum, o sim diante do não: O rio que banha as terras férteis

A vida de todo homem, assim como de toda a mulher é marcada por imagens de várias mulheres. São imagens que podem ter suas raízes em personagens que tiveram vida física, fizeram ou deixaram de fazer determinadas coisas ou totalmente emotivas, só existindo na vida interior de determinada pessoa.

As imagens femininas de que estamos falando são construídas por momentos que só o seu autor poderia viver; nostalgias que coincidentemente não se pode lembrar, de afagos apenas pressentidos, de recusas que só ele percebeu. A alma de um homem é um tapete que só a ele cabe a trama, os que estão de fora apenas percebem os grandes motivos, a arquitetura geral da ação, porque o pequeno nó de cada trançado só é percebido pelo indivíduo, e neste caminho se está só, absolutamente só, seus acompanhantes são fortuitos, provisórios, nos amores ou ódios que podem despertar. De seu, o homem carrega poucas coisas: uma tarde de sol poente, o primeiro beijo, o afago de consolo em uma noite de pesadelo, a sensação do bico do seio materno nos lábios, o gosto do leite. São como fios nas mãos da rendeira. Uma rendeira de poucos recursos irá fazer pequenos trabalhos – pequena vida – porém, uma rendeira habilidosa, que gosta de aprender como serão bonitos os seus trabalhos! Como será rica sua vida!

Estes fios-lembranças que habitam o seu mundo particular, se repetem em todos os homens em todas as épocas e há um conjunto de lembranças cálidas, benfazejas que chamamos Oxum.

Oxum é o gosto do primeiro beijo, o colo macio na noite de pesadelos, a tigela de sopa quente na madrugada fria, a mãe que espera, é o cheiro que sai da terra ressequida após a primeira chuva de primavera. Sua força está nos pequenos prazeres da vida. Tem mil nomes, todas as mitologias tem sua Oxum. Na Grécia é Ceres, divindade da vegetação e da terra, portadora da Cornucópia, o chifre de todos os dons, a virgem Maria com o

IDENTIFICANDO A ENERGIA

UMA QUESTÃO DE PATERNIDADE

É muito comum ouvirmos dizer: Sou filho de Oxalá, sou filha de Ogum, etc. Mas o que REALMENTE isto quer dizer.

Inicialmente, os Orixás são frutos de uma sociedade totêmica, ou seja, cada família/clã possui uma figura protetora, que geralmente é considerada como um antepassado comum, portanto, na África ser filho de Oxalá quer dizer estar ligado por traços de sangue e obrigações a determinada família/clã que tem este Orixá como personagem fundadora.

Casamentos, alianças políticas, formas de trabalho eram orientados pela conduta mitológica de determinados Orixás.

CONTINUAÇÃO

Quando o negro é trazido para o Brasil não é mais possível manter a estrutura familiar de forma iniciática. A “família” passa a ser confirmada pela consulta aos búzios e as iniciações feitas pelas mães de santo – as grandes guardiãs desta cultura. A importância da mulher no centro da vida cultural do negro é fundamental para sua perpetuação. É no terreiro que o desterrado se reencontra como indivíduo e como participante de uma sociedade. Daí a importância de uma reconstituição de uma família mitológica. Saber de quem é filho. Seu pai ou sua mãe, seus avôs e avós, seu guardião, etc

Ser filho de um determinado Orixá é então ter características básicas de sua personalidade, mas isto é pouco, deve-se saber seu outro orixá, que, normalmente, é uma complementação em termos de energia do primeiro, e ainda falta descobrir seus “avós” e “avôs”, que são as energias sutis que só aparecem determinados momentos.

Se isto for levando em conta fica fácil entender porque um filho de Oxalá é tão diferente de um outro filho.

Menino Deus, eterna intercessora dos homens diante da severidade do grande pai, Ísis, no Egito, representando não por coincidência, a terra fértil, a chinesa Nü-Gua, criadora dos homens.

Mas, cuidado, este sim pode ser violento quando contrariado, por uma simples razão: Ele não pode ser contrariado.

Sabe aqueles dias em que viu um passarinho verde, de bem com a vida, sem mais nem porque, não aconteceu nada de especial, mas seu sangue corre mais rápido, as faces estão coradas, e as coisas ficam mais fáceis? Pode ficar certa é Oxum balançando suas pulseiras.

Sabe aquele aperto no coração quando se vê uma criança abandonada, os olhos umedecem e em vez do gesto banal da caridade social sai da boca uma palavra de carinho verdadeiro: é Oxum que está falando.

Quando vê alguém batendo em uma criança e sem pensar na própria segurança e se interpõe e chama para si toda a raiva e o desafio: é Oxum mostrando sua força.

As versões mais conhecidas sobre o nascimento de Oxum recaem, sempre, sobre o amor incestuoso de Orugan por sua mãe Yemanjá, de cujos seios brotaram muitas águas e de cujo ventre nasceram quinze deuses, inclusive Oxum - A deusa do rio Oxum.

Houve ainda quem afirmasse que Oxum sendo a encarnação da perpétua juventude, casou-se com Oxóssi, o deus dos caçadores, que havia guardado castidade até que a conheceu.

Enfim, em outra lenda Oxum aparece como rival de Yansã, ambas compartilhando o amor do deus Xangô.

“Depois de ser rainha Iansã partiu deste mundo passando à condição de santa (Santa Bárbara), a senhora dos ventos e das tempestades, deixando aos cuidados de Oxum os filhos que havia tido com Xangô”. (SILVA, 1987, p. 35)

Estes episódios acerca da origem de Oxum irão nos permitir conhecer um pouco mais de suas características, que aparentemente desconexas, irão se completar em um grandioso quadro.

O primeiro destes episódios nos fala de Oxum nascendo com seus catorze irmãos do ventre de Yemanjá, que aqui assume o papel de água primal, placentária. Desta imensa

mãe, Oxum é o seu aspecto mais doce, é a água que corre mansa, trazendo a fartura para a terra. O rio Oxum é o símbolo de todos os rios mansos, rios de planície.

Há para os povos sedentários toda uma poesia nestas águas cálidas. O amor de Oxum nasce do amor que o homem possui pela sua terra de origem, da fertilidade do húmus deixado às margens. No centro de cada grande civilização há um rio para garantir sua subsistência: o Ganges, o Amarelo, o Nilo. O mito-gema, que conta a aventura que foi a passagem do homem caçador para o homem sedentário, desdobra-se nas histórias de abundância e riqueza de quem em cada cultura é encarnada por este anseio.

Assim, nada mais natural que Oxum no segundo episódio, nascesse marcada: com uma colher de prata na boca.

Que bela alegoria para a palavra abundância, três vezes aqui mencionada: primeiro como uma colher, comer com uma colher, muito, fácil, sem precisar separar nada. Segundo: ser de prata, abençoada pela riqueza tanto material como espiritual: a eterna juventude e a terceira “levar à boca”; a dádiva de Oxum deve ir à boca, não para ser devorada com a sofreguidão dos famintos, mas com o requinte daqueles que sabem de uma mesa farta, com o amanhã garantido, que nunca vão sentir o peso da velhice.

Oxum é o eterno rejuvenescer. A cada estação suas águas são sempre novas, deixando para trás a abundância e a fertilidade. Para tal vulto, um noivo, que é seu complemento natural: o Senhor dos Caçadores, Oxóssi, rei do Keto e desta união: Logum-Edé. O nomadismo do caçador (Oxóssi) unido ao sedentarismo (Oxum) dá a civilização: Logum-Edé. Neste episódio, outro aspecto de Oxum é revelado: sua paixão, desdobramento natural da soma dos seus atributos: a beleza e a juventude. Fossem todas as mulheres como Oxum... contudo, isto seria menosprezar a argúcia dos Freuds, Jungs anônimos que mapearam tão bem a alma feminina.

Para cada Oxum calma, bela e feiticeira existe uma Yansã, uma Obá, uma Yemanjá, desdobramentos da alma feminina como um todo porque em cada mulher pulsam todas as deusas. São os itans que você vai ler agora que podem lembrá-la disto.

Para poder-se apreciar melhor o desvelamento do arquétipo de Oxum agrupamos seus itans em grupos que tem um fulcro comum. O primeiro deles fala do amor, da capacidade

O SEDENTÁRIO E O NÔMADE

Em um determinado momento de nossa evolução cultural algumas tribos errantes descobriram que o plantio e a criação de pequenos animais era melhor do que continuar perseguindo as manadas pelas estepes. Estas comunidades fixaram-se, preferencialmente, onde havia abundância de água doce e terra fértil, não por acaso, nos vales dos grandes rios, Nilo, Amarelo, Eufrates, etc. berço das grandes civilizações Oxum representa este momento histórico. Oxóssi é o caçador, o nômade que optou por continuar sem morada fixa. O que é importante ressaltar é que não se pode falar de uma “evolução”, apenas de opções, onde cada uma delas trouxe seus benefícios e custos sociais. Haja visto a superpopulação e a poluição geradas pelo sedentarismo. O que está em jogo aqui é o interdito social. Representantes das duas culturas não devem se misturar. Mas que se misturam, se misturam, gerando uma terceira opção, é disto que os sábios conservadores de Oxum tem medo.

Os rituais de sacrifício

O sagrado ofício desde tempos imemoriais é realizado pelos homens como um processo de interceder aos deuses. No princípio os “mensageiros” eram alguns homens ou mulheres que a própria comunidade escolhia para tal tarefa. Sua morte ritual era tida como garantia da simpatia dos deuses, com o passar do tempo alguns animais tomaram este lugar são chamados animais psicopompos, aqueles que seriam capazes em primeira instancia de levar estas mensagens do terreno profano para o divino.

Além da galinha, o cavalo e o cão são considerados animais psicopompos o que não deixa de ser lógico são os animais que estão mais perto do homem, portanto mais capazes de representá-los no mundo dos espíritos.

O sacrifício da galinha para a comunicação com os defuntos, costume espalhado por toda a África Negra, provém do mesmo simbolismo.

regenerativa do amor e do amor como sabedoria, são eles: *Akodidê de Oxalá; A História de Oxum e o Rei Larô; Oxum recupera o báculo de Orixalá que lansã joga no mar; Oxum leva Ebó ao Orum e salva a terra da seca.*

O segundo fala do poder contrariado, das vinganças possíveis quando Oxum é desrespeitada são eles: *Oxum e o Rei de Owu; Oxum e a criação do Mundo; Oxum-Ioni, A Vingança de Oxum; Oxum Apará tem inveja de Oiá.*

O terceiro tem como tema os jogos da sedução; *Oxum seduz lansã; Oxum transforma-se em pombo; Oxum deita-se com Exu para aprender o jogo de búzios; Oxum difama Oxalá e ele a faz rica para se livrar dela.*

O quarto grupo, a transcendência do arquétipo: *Oxum Navezuearina cega seus raptore; Oxum mata o caçador e transforma-se num peixe; Oxum fica pobre por amor a Xangô, Oxum é transformada em pavão e abutre; Oxum, a*

*tocadora de música; Oxum salva Xangô.*⁵

Mas como toda grande deusa Oxum nos revela aspectos pouco conhecidos de sua “personalidade” o que pode ser simples chique pode-se transformar em vontade férrea, a arte da sedução em profundo desvelo. Agitando o seu abebé no seu vestido amarelo, Oxum é graciosa tanto como a vida é dado ser.

Para nossa história Oxum é a RAINHA, tem seus ministros e um povo que a adora. Assim sendo, Oxum quando se apaixona por Oxóssi não é “apenas” uma deusa, é uma rainha que quebra uma prescrição social. Um tabu é quebrado e dentro deste ato de rebeldia do indivíduo o que está em jogo são as formas sociais (os ministros e conselheiros) e desta transgressão vem o castigo.

3.3 O nômade Oxossi: Oxossi⁶, a trajetória do herói

Toda a cultura passa e as vezes fica, no que chamamos período caçador, onde viver ou morrer enquanto grupo está ligado ao ato de caçar. É deste modo que surgem as manifestações xamânicas, o mito do herói solitário, o ideário do desbravador impetuoso,

⁵ Esta categorização encontra-se na tese de doutorado do autor.

⁶ As características de Oxossi aqui apresentadas encontram-se disseminados nos autores especializados (vide bibliografia consultada)

Oxossi nos fala de perseguições indômitas, de esperas furtivas, de coragem solitária porém solidária de caçadas interiores e exteriores.

Carybé caracteriza Oxossi usando contas verdes, gosta de oxoxô, milho cozido com fatias de côco, como instrumentos carrega um Opá (arco e flecha de metal) e o Eukerê (espécie de espanador feito de rado de boi) e o seu grito de guerra é Okê.

Na obra “Sete Portas”, é mencionado Agûê um epíteto de Oxossi é de uma nação vizinha aos nagôs e que se encontra nos candomblés gegê. Este Oxossi vive perpetuamente nas matas e é filho de Mawu e Lissa.

Em “Bahia de Todos os Santos” Jorge Amado afirma ser Oxossi rei de Keto. São Jorge matando o dragão, come carne de porco, bode, galo, não tolera feijão branco, como ainda axoxô, milho cozido com pedaços de côco. Suas qualidades Otin, Inkê, Ibualama. Como Ibualama foi casado com Oxum que o trai com Xangô. Como Otim é um Oxossi azul, usa capanga e lança, come toda a espécie de caça mas gosta de búfalo. Nos terreiros de filiação Jejê tem o nome de Ale Aghê.

Seu dia é quinta feira e ele reina, na Umbanda nas falanges dos caboclos, Olga Caccitore diz que é um “orixá yorubá da caça, protetor dos caçadores, filho de Iemanjá. Na África era uma divindade do clã de Ogum e também chamado de Odê. Sua natureza é ligada à lua, principalmente Odé. Sua saudação no candomblé é Okê aru odê! Na Umbanda é Okê Oxossi; oke caboclo!

Portanto, temos diante de nós o ‘grande caçador’ tanto no plano físico quanto no plano mental. Toda a investigação solitária, a arte de espreita e o conhecimento que só a observação e o constante convívio são os apanágios de Oxossi. A figura do pesquisador solitário devotando anos a uma busca em prol de toda a comunidade é Oxossi entre tubos de ensaio.

Oxossi apesar que gostar da solidão caça para a comunidade sua alegria está em trazer a caça para a tribo e poder reparti-la. Contudo apesar de sua aparente independência Oxossi está profundamente ligado a mãe. Este é um dos Itans mais conhecidos de Oxossi.

Conta-se que no tempo da festa da colheita dos inhames o rei de Ifé deu uma grande festa. Só que tinha esquecido de convidar as Mi Oxorongá, nossas mães feiticeiras. Como vingança mandaram um grande pássaro aterrorizar as pessoas e estragar a festa. O rei chamou os melhores caçadores do reino para abater a ave. Veio o caçador de vinte flechas e falhou, veio o caçador de quarenta flechas e falhou e por fim apresentou-se o caçador de cinquenta flechas que também não conseguiu abater o pássaro enviado pelas feiticeiras. Todos eles foram presos e esperavam a morte nas mãos do Rei quando de Irém, veio Oxotocanxoxô, o caçador de uma só flecha. Se fracassasse, seria executado também. Temendo pela vida do filho, a mãe do caçador foi ao babalaô e ele recomendou à mãe desesperada fazer um ebó que agradasse às feiticeiras. A mãe de Oxotocanxoxô sacrificou então uma galinha. Neste momento, Oxotocanxoxô tomou seu ofá, seu arco, apontou atentamente e disparou sua única flecha. E matou a terrível ave. O sacrifício havia sido aceito. As lá Mi Oxorongá estavam apaziguadas. Os caçadores presos foram

libertados e todos festejaram. Desde então Oxotocanxô chama-se Oxóssi que quer dizer “O caçador Oxô é popular”.

Temos aqui um dado importantíssimo para compreender tanto o complexo arquétipo de Oxossi como um todo como o seu papel no mito de Logum-Edé.

A construção do poder de Oxossi está relacionada diretamente com a ação de sua mãe.

Em outros itans está relação continua a ser tratada o que indica a relevância que esta cultura dá no desenvolvimento deste arquétipo com o arquétipo da mãe.

Oxossi vai desobedecer a mãe e se perder nas matas sendo salvo finalmente por Ogum e em outra passagem ele mata a mãe quando dispara uma flecha para o ar dizendo que esta flecha entraria no coração de quem lhe tomou uma determinada caça.

Oxossi é encarnação do herói solitário tão caro aos contadores de história de Hollywood sua “encarnação” se dá no tipo calado que vindo da floresta chega na cidade e resolve os problemas da comunidade e depois volta para o seu lugar de origem, ou então o “durão” mas que tem um bom coração que salva toda a comunidade apesar de dizer o tempo todo que não pertence a ela.

Para que este tipo de narrativa nos alerta? Os babalaôs africanos tentam uma resposta: A dificuldade no relacionamento com a mãe, sua incapacidade de resolver seus anseios perante o seio bom. Indo ainda mais longe: Um Édipo mal resolvido.

A primeira de nossas mães é a terra, Gea, Nanã ou mesmo Yemanjá nos falam desta grande mãe de que todos descendemos e dependemos: em todas as culturas irá sempre ter um ou mais heróis que irão votar sua energia para mostrar sua independência com relação a este domínio, sua tarefa é paradoxal: quanto mais tentam se libertar mais mostram sua dependência. Em um outro momento esta mesma grande mãe pode ser entendida como a própria comunidade. A tribo como um todo pode ser entendida como uma grande mãe é o nosso herói vai ter com esta mãe-comunidade sentimentos ambivalentes: a menospreza pelos seus aparentes defeitos, a venera por saber-se dependente e mesmo clamando a altos brados sua independência, é o primeiro a ir ao seu socorro. Se existem dúvidas quanto a este esquema é só ver alguns filmes de ação “made in Hollywood” sob esta perspectiva e Oxossi se desvela.

Sob este prisma podemos entender então a tarefa do herói Oxossi: transcender a mãe. Aprender a entender e aceitar a força e os limites da sociedade no plano macro e no plano emocional, resgatar a figura da mãe como uma participe de uma ação sem fazer dela sua responsável.

Assim sendo as relações entre Logum-Edé e sua mãe tem para o seu pai o caráter de um resgate. Oxossi se cumpre enquanto transcendência quando impede o incesto.

3.4 Fecha-se a Mandala

Deste conflito de histórias mal resolvidas brota Logum-Edé herói karmico, vem tanto para resgatar como para fazer cumprir. E qual a maldição de Logum-edé?

Logum-Edé é lindo, perfeito e não é possível esquecer a finura de espírito destes contadores quando traçam um paralelo entre a civilização tribal (Oxum) e a cultura

caçadora (Oxóssi). Será que o mestiço é sempre melhor do que pseudo puro? Ao poder falar duas línguas, viver em duas realidades não é possível compreendê-las melhor? Porém há o preço: o de não ser reconhecido por nenhuma das duas.

Assim diferente nos dois mundos, Logum-Edé cumpre a maldição: apaixona-se pela mãe. Um ato passível de acontecer em um bando, ou nos primórdios da criação, jamais em uma comunidade. Agora, parece claro porque o tema do incesto foi tratado por um Orixá da Quarta geração. Discuti-lo nos primórdios não faz sentido: no princípio só haviam dois, daí aconteceu o terceiro, mas para que haja o quarto tem que haver incesto, porém é um incesto pré-social, portanto não agride as leis da civilização.

Todas as mitologias insistem neste mito-gema: O incesto é sacrílego, a sua incidência é a volta a barbárie.

Porém, por que Logum-Edé se apaixona pela mãe? Porque todos nos apaixonamos por nossas mães.

Como seres perfeitos como Logum-Edé, e em uma determinada fase exatamente assim que construímos a consciência: fazendo que todo o mundo orbite em nosso redor. Ora para dividir este espaço perfeito só um ser tão perfeito como eu, e quem pode ser? a figura da mãe. Há uma lógica emocional intrínseca diante desta indagação. Não foram os curandeiros ou quem quer que fosse que “amaldiçoou” o filho de Oxum com Oxóssi, mas o decurso da vida tem seus próprios obstáculos que devem ser suplantados ou estamos condenados a morrer diante deles.

A trajetória de Logum-Edé é a nossa trajetória emocional: Fala de cada uma de nossas descobertas: do nosso despertar enquanto ser sexual, de nossa indefinição sexual e quando desta definição o nosso primeiro ato de amor com o próximo: compartilhar nosso lugar no reino encantado que cada um de nos teceu ao seu redor para poder se sentir senhor de algo.

Este momento é superado com o aparecimento da figura de Oxóssi é mesmo que carrega em seu bojo uma relação mal resolvida com a mãe ao fincar a lança entre os dois, realizada o interdito social.

A simbologia da lança é de tal monta que precisamos fazer uma pequena digressão ao seu respeito para podermos entender seu duplo sentido enquanto poder fálico e poder jurídico diretamente relacionado com a manutenção da sociedade como um todo.

A lança é um símbolo axial, fálico, ígneo ou solar. Fálico pela sua forma e pelo ato de “penetrar” no corpo do indivíduo, e ela dentre as armas brancas a única que tem especificamente este movimento, o machado pode amassar, a espada e a faca cortam, a lança penetra.... A mais primitiva das armas, aparece logo após o simples lançamento da pedra a lança é a arma de proteção do clã, não por acaso na África negra um feixe de lanças designa o rei, o centro da comunidade de onde deve emanar a lei e a ordem, esta mesma leitura pode ser encontrada na Roma Antiga e daí em linha direta o feixe de lanças que simboliza o Direito, protetora então dos contratos, dos processos, e dos debates, alicerces do convívio humano.

Oxossi ao portar ou colocar a lança entre os dois, em algumas versões desta lenda ele crava a lança entre os dois, está mais do que afirmando sua condição de macho dominante está reafirmando a necessidade da coesão social que alias foi abalada no seu consorcio com Oxum.

Este momento é fundamental para a realização o crescimento emocional de todos nos. A mãe provedora universal, ser perfeito que merece todo o meu carinho e amor e com quem almejo dividir este meu mundo recém dominado NÃO é minha. O mundo não gira ao meu redor. Para que exista sociedade é preciso existir as regras do convívio social, esta é a principal tarefa da personagem do pai, e alguém sempre vai ter que desempenhar este papel senão criamos ditadores e prepotentes que acham que o mundo lhes deve completa obediência pela simples razão que eles querem mais. A figura de um pai fraco deixa duvidas quanto a obediência aos cânones sociais, um pai repressor faz com que estas leis que são fundamentais à coletividade sejam vistas como grades impedindo a liberdade do indivíduo. Nem uma coisa nem outra, Oxossi quando coloca sua lança entre os dois, estabelece o limite natural das coisas. Estamos criando uma geração de jovens que não tem limites onde tudo é possível. O problema de não ter problemas.

Oxossi ao colocar limites para o seu filho resgata o filho que não conseguiu ser.

A ação é tão benéfica que Logum-Edé vai para a mata, refugia-se no inconsciente para digerir a lição, leva tempo curar as feridas entender o que foi dito. Mas o tempo é o melhor dos remédios e Lolum-Edé por fim sai da mata e funda outra cidade dando prosseguimento ao tear da vida onde todos nos tomamos parte.

Logum-Edé depois perda perda do seu primeiro amor, sua Mãe (fase fálica), trabalha seu luto na latencia da mata para ressurgir saudavel e vigoroso cumprindo sua história que é a história de todos nos que sobrevivemos a perda deste primeiro e grande amor de forma saudável.

4. Conclusão

Tanto o Édipo quando Logum-edé cumprem uma rota que lhes foi traçada previamente. Édipo paga pelas transgressões dos seus antepassados naquilo que mais caro tem a comunidade grega: a hospitalidade e a democracia; Logum-edé por sua vez é resultado do rompimento de um dos principais interditos da sociedade negra; o respeito ao clã, ao totem sagrado de sua tribo, ambos são heróis. A raiz da ideia de HERÓI está ligada a um sacrifício de si mesmo.

Em termos psicológicos, o arquétipo do Herói representa o que Freud chamou de ego – a parte da personalidade que se separa da mãe, que se considera distinta do resto da raça humana. Em última análise, um Herói é aquele que é capaz de transcender os limites e ilusões do ego mas, de início, os Heróis são inteiramente ego, se confundem com o ego, o “eu”, com aquela identidade pessoal que pensa que é distinta do resto do grupo.

Cada um deles tem seu momento de passagem quando “cresce”, Édipo quando arranca os olhos e assume toda a carga e em sua jornada vivencial experimenta uma ascese espiritual indo morrer em Atenas em paz. Lolum-Edé quando toma consciência de um pai

que antes era apenas insinuado para depois que amargurar ele também sua jornada de crescimento ir cumprir o que o destino lhe reserva: ser um grande rei.

Diferentes e semelhantes são em si um pequeno reflexo de um imenso painel que somos todos nós.

Bibliografia Consultada

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**. São Paulo. Ed Europa-América. s/d

BRANDÃO, Junito. **Mitologia**. vol I,II,III. – Petropolis. Ed Vozes.1986.

BONFLIGLIO, Mônica. **O Segredo dos Orixás**. São Paulo. Cultrix. 1986

COELHO, Marcus N. **O Caminho da Heroína**. Uma investigação psicanalítica sobre o arquétipo feminino do panteão Ioruba: Um estudo de caso. Tese de Doutorado/FATE, 2013.

DONARO, Hernâni. **Dicionário de Mitologia**. São Paulo. Cultrix.s/c

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é Herói**. – São Paulo. Ed. Brasiliense. Col Primeiros Passos nº 139. 1984.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**: A historia do movimento psicanalítico. Esboço de psicanálise/Sigmund Freud – Textos escolhidos/ Ivan Petrovich Pavlov. Sao Paulo: ABRIL CULTURAL, 1974.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro, Edição Standard Brasileira. Ed. Imago, 1996.

KITTO, H.D.F. **Tragédia Grega**: Estudo Literário vol 1. Coimbra. Ed Studium. 1972.

KURY, Mario da Gama. **A Trilogia Tebana**: Sófocles. 4º ed. Rio de Janeiro. Ed.Jorge Zahar. S.d.

ROCHA, Everardo P.G. **O que é Mito?**: vol 2. São Paulo. Ed. Brasiliense. Col. Primeiros Passos nº 151.1086.

SILVA, Jacimar. **Todos os segredos de Oxum**. São Paulo. Ediouro. Col. Espiritualismo. 1987.

SOUZA, J. B. De Melo. **Rei Édipo**. In Sofocles, Versão para e-booksbrasil.com, 2005.

SPROUL. Barbára C. **Mitos primais**. São Paulo, Siciliano, 1994.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: Deus Iorubas na África e no Novo Mundo. São Paulo. Ed. Corrupio. s/d

VERNANT, J. P. & VIDAL-NAQUET, P. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**, 2 vol. São Paulo, Duas Cidades, 1977 (1º vol.) e São Paulo, Editora Brasiliense, 1991 (2º vol.).